

pronome sujeito antepõe-se geralmente ao verbo, ex. : « Nós queremos—Nós *desejariamos*—Vós não sabeis—ELLES *teriam vindo* ».

Todavia, por emphase, para maior intimação no dizer pospõe-se muitas vezes o pronome sujeito, ex. : « *Estavamos nós em Paris—Tinha ELLE chegado* ».

Dá-se o mesmo ainda quando o sujeito não é representado por pronome, ex. : « *Brilhava A LUA em céu sem nuvens—Vinha desfilando o EXERCITO* ».

- 2) Nas sentenças interrogativas pospõe-se o pronome sujeito ao verbo, ex. : « *Queres TU vir almoçar comigo ?* ».

Cumprê notar que, principalmente no Brazil, vai-se estabelecendo o uso de construir as sentenças interrogativas em ordem direita, deixando-se o seu sentido de pergunta a cargo sómente da inflexão da voz, ex. : « *Tu queres vir almoçar comigo ?* ».

- 3) Com verbos no imperativo o pronome sujeito, si vem claro, pospõe-se, ex. : « *Dize TU—Correi vós* ».

Observa-se ainda o mesmo nas sentenças negativas em que o imperativo é substituído pelo subjunctivo presente, ex. : « *Não digas TU—Não corrais vós* ».

- 4) Com verbos no subjunctivo, si é expressa a conjunção de subordinação, o sujeito, quer seja representado por pronome, quer por substantivo, antepõe-se geralmente, ex. : « *Desejo QUE ELLE venha ANTES QUE OS CRIADOS tenham sahido* ». Si fica occulta a conjunção o sujeito pospõe-se, ex. : « *Oxalá tenha ELLE vida !—Assim o quizesse DEUS !* ».
- 5) Com verbos no infinito e no participio pospõe-se o sujeito, ex. : « *Fallares TU assim é indecoroso—MORTO PEDRO ninguém mais reinará* ».
- 6) Com verbos no infinito perfeito o sujeito, pronome ou substantivo, fica geralmente entre o auxiliar e o participio aoristo, ex. : « *Ter EU faltado á palavra—Terem os FRANCEZES chegado tarde* ».

- 7) Servindo a phrase infinitiva ou participial de complemento a uma preposição (1), antepõe-se geralmente o sujeito, ex. : « *Para* EU *comer*—*Em* PAULO *chegando* ».

429. A collocação dos pronomes objectos nas sentenças effectua-se de accordo com os preceitos seguintes :

- 1) Com verbo no indicativo o pronome objecto
 - a) nos tempos simples, excepto o futuro, antepõe-se ou pospõe-se indifferentemente, ex. : « *Eu* TE *amo* ou *amo-TE* ».
 - b) no futuro antepõe-se, ex. : « *Tu* ME *verás* ».
 - c) nos tempos compostos, excepto o futuro anterior, antepõe-se ou pospõe-se ao auxiliar, ex. : « *Nós* o *temos visto* ou *temol-o visto* ».
 - d) no futuro anterior antepõe-se sempre ao auxiliar, ex. : *Tu* NOS *terás visto*—*Elle* o *terá querido* ».
 - e) nos tempos simples dos verbos pronominaes, e em todas as pessoas verbaes que têm o accento tonico sobre a ultima ou sobre a penultima syllaba, exceptuado sempre o futuro, antepõe-se ou pospõe-se, comtanto que não resulte equivoco ou collisão de sons, ex. : « *Eu* ME *queixei* ou *queixei-ME*—*Eu* ME *queixo* ou *queixo-ME* ».
Estas construcções « *Vos queixais-vos*—*Nós queixavamos-nos* » offendem o ouvido : deve-se dizer « *Vós vos queixais*—*Nós nos queixavamos* ».
 - f) nas sentenças negativas geralmente antepõe-se, ex. : « *Elle não* ME *quer* »,
- 2) Com verbos no imperativo o pronome objecto
 - a) em sentenças affirmativas pospõe-se sempre, ex. : « *Mata-ME*—*Julgae-ME* *vós* ».
 - b) em sentenças negativas, em as quaes o imperativo é substituido pelo subjunctivo, antepõe-se, continuando posposto [425, 3)] o pronome sujeito, ex. : « *Não* ME *descubras* TU ! ».
- 3) Com verbos no condicional, o pronome objecto antepõe-se sempre, ex. : « *Tu* ME *matarias*—*Vós* ME *julgarieis* ».

(1) O participio imperfeito é o unico que, em accepção propria, pôde ser regido por preposição : a unica preposição que o rege é *em*.

- 4) Com verbos no subjunctivo o pronome objecto antepõe-se sempre, seja a sentença affirmativa, seja negativa, ex. : « *Que elle ME veja—Si nós o soubessemos—Si elles não nos tivessem avisado—Quando elles não ME tenham visto* ».

Ha a notar que nas sentenças negativas, em todos os modos e tempos, colloca-se o pronome objecto entre a negação e o verbo ; todavia, nos tempos do subjunctivo precedidos de *quando, como, si, etc.*, encontra-se não raro o pronome objecto antes da negação, ex. : « *Si tu ME não me tivesses dito—Quando eu o não descubra* ».

- 5) Com o verbo no infinito pessoal o pronome objecto antepõe-se ao sujeito, ex. : « *Descobrires-ME tu* ».

Si, porém, a phrase do infinito pessoal é complemento de uma preposição, o sujeito antepõe-se ao pronome objecto, e ambos ao verbo, ex. : « *Para TU ME descobrires—Sem vós ME verdes* ». Póde-se tambem dizer, deixando o sujeito depois do verbo « *Sem o vermos NÓS* ».

- 6) O pronome objecto e a particula apassivadora *se* nunca devem começar a sentença : seria incorrecto dizer « *TE vejo sempre—SE contam cousas horriveis* ». Deve-se dizer « *Vejo-TE sempre—Contam-SE cousas horriveis* ».

- 7) Com verbos no indicativo futuro e no condicional imperfeito, usa-se de uma construcção especial : insere-se por tinese o pronome objecto entre o radical do verbo e a sua terminação, ex. : « *Amar-TE-á—Ver-TE-ia* ».

Si o sujeito do verbo neste casos está claro e é representado por pronome substantivo, melhor será construir « *ELLE TE amar á—Elle TE veria* ».

- 8) Nas sentenças negativas, estando o sujeito occulto, o pronome objecto antepõe-se sempre, ex. : « *Não TE espero mais—Não ME fallarias assim—Si o não quizerem* ».

- 9) Com o verbo no infinito pessoal, estando o sujeito occulto, é indifferente antepôr ou pospôr o pronome objecto, ex. : « *Sem o ter ou sem tel-o* ».

- 10) Com dous verbos no infinito colloca-se o pronome objecto antes do primeiro, ou depois do segundo, ou entre ambos, ex. : « *Sem NOS poder ver, ou Sem poder ver-NOS, ou Sem poder NOS vêr* ».

11) Nunca se colloca o pronome objecto depois do participio aoristo de tempo composto: assim, não se diz « *Havendo visto-TE* » mas sim « *Havendo-TE visto* ».

430. Os pronomes substantivos em relação objectiva ou objectiva adverbial que seguem o verbo são considerados enclíticos, e ligados por um hyphen ex.: « *Ama-me—Dei-te um livro* ».

431. Quando, completando a significação de um verbo, vêm dous pronomes substantivos, um em relação objectiva e outro em relação objectiva adverbial, este, que representa o dativo latino, vai em primeiro lugar; ambos são considerados enclíticos e presos ao verbo por hyphens, ex.: « *Vendeu-mo (vendeu-me-o)—Tomou-lha (tomou-lhe-a)* ».

432. Vindo, porém, *se* na construcção, é elle que sempre occupa o primeiro lugar, embora esteja em simples relação objectiva, ex.: « *Converte-se-me o filho—Imputa-se-me um erro* ».

433. *O, a, os, as*, vindo depois de uma fórma de verbo terminada em *r, s,* ou *z* fazem com que qualquer dessas modificações se aude em *l*, ex.: « *Anal-o—amamol-o—fil-o* » por « *Anal-o—amamos-o—fiz-o* ».

434. *O, a, os, as*, também convertem em *l* o *s* das fórmas *nos, vos*, ex.: « *Nol-o—Vol-a* » por « *Nos-o—Vos-a* ».

435. *O, a, os, as*, vindo depois de um verbo terminado por voz ou por diphthongo nasal, exigem a intercalação de um *n* euphónico, ex.: « *Tem-no—Dizem-no—Dão-no—Amavam-no* ».

436. *O, a, os, as*, absorvem o *e* das fórmas *me, te, lhe*, ex.: « *Mo—ta—lhos* » por « *Me-o—te-a—lhe-os* ».

437. *O, a, os, as*, em concurso com *lhes* exigem a queda do *s*, absorvem o *e*, e formam « *Lho—Lha—Lhos—Lhas* (258) ».

438. *Nos, vos*, quando seguem immediatamente as fórmas verbaes em *mos*, exigem a queda do *s* dessas fórmas, ex.: « *Amamos-nos—Queremos-vos* » por « *Amamos-nos—Queremos-vos* ».

§ 4.º

Emprego pleonastico de pronomes substantivos

439. Com os verbos *parecer* e *querer-parecer* (composto) empregam-se pleonasticamente e de modo como que anti-grammatical

os pronomes substantivos da primeira pessoa do singular e do plural em relação subjectiva, ex.: « *Eu parece-me que Pedro é rico—Nós quer-nos parecer que não vamos* ».

Este uso, auctorisado pelo fallar do povo e mesmo por escriptores como Garrett, não exige grande somma de attenção para ser entendido: é um jogo de rhetorica instinctiva. A pessoa que falla faz uma reticencia depois do pronome, e muda de phrase. Este modo de expressão torna-se clarissimo assim pontuado: « *Eu... parece-me que Pedro é rico—Nós... quer-nos parecer que não vamos* ». Em vez, pois, de ser erro, é uma figura cheia de naturalidade e bellissima.

440. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação objectiva como explanação de um ou de mais substantivos já expressos, ex.: « *A lingua dessa terra não a sabiam—Pinturas e pelejas melhor é vê-las de longe* ».

441. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação adverbial como explanação de adjectivos determinativos possessivos já expressos, ex.: « *Seu pae delle—Sua formosura dellas—Dos santos não me mato em seus louvores (1)* ».

Pelo que se póde illidir dos exemplos classicos este uso só se dá com os pronomes substantivos da terceira pessoa do singular e do plural.

442. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação adverbial como explanação de outros pronomes substantivos já expressos em relação objectiva, ex.: « *Eu feri-me a mim—Vós os vistes a elles* ».

443. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação adverbial como explanação de pronomes substantivos já expressos em relação objectiva adverbial, ex.: « *Parece-me me a mim—Dei-lhes um livro a elles* ».

444. Empregam-se pleonasticamente pronomes substantivos em relação objectiva adverbial como explanação de um ou de mais substantivos já expressos: ex.: « *Ao doente não se lhe ha de fazer a vontade* ».

Estes processos pleonasticos, que contribuem muito para a clareza e elegancia da expressão, encontram-se em varias linguas

(1) SÁ DE MIRANDA, I, 266.

románicas, em Latim barbaro, em Latim classico, em Grego moderno, em velho Alto Allemão, em Inglez, em Dinamarquez, em Sueco. Diz-se, por exemplo, em Hespanhol: « *Las ramas que lo peso de la nieve las desgaja—A mi hermano le parece* »; em Latim barbaro: « *Ipsam civitatem restauramus eam* (1) »; em Latim classico: « *Quem neque fides neque jusjurandum neque illum misericordia repressit* (2) ».

§ 5.º

Uso particular de alguns pronomes demonstrativos

445. Os pronomes adjectivos demonstrativos *este, esse, aquelle* prestam-se a uma construcção elliptica e comparativa que, revertendo o pensamento de uma fórma vaga, dá-lhe grande belleza. Em vez de dizer-se por exemplo, « *Esta cousa que parece ninho—Essas cousas que parecem astros—Aquellas cousas que parecem estrellas* », diz-se: « *Este como ninho—Esses como astros—Aquellas como estrellas* ». O pronome toma o genero e o numero do termo da comparação.

446. O artigo indefinido presta-se tambem á construcção similhante, e assume então verdadeiro kharacter de pronome demonstrativo. A concordancia é tambem com o termo de comparação, ex.: « *Um como ninho—Uma como nuvem* ».

Em Francez existe uma construcção analoga a esta, com a differença, porém, de vir o artigo depois de *comme*, ex.: « *J'aperçus comme une forêt de mâts de vaisseaux* (3) ».

§ 6.º

Pronomes conjunctivos

447. *Que, quem* referem-se sempre a um nome da clausula principal. Esse nome chama-se *antecedente*: póde ser masculino ou feminino; do singular ou plural.

448. Nas sentenças interrogativas o pronome *que* admittido depois de si o nome a que se refere, ex.: « *Que homem é este—Que casas são aquellas?* ».

(1) *España Sagrada*, XL, 365.

(2) *TERENTIUS, Adepfi*, Act. III, Sc. 2.

(3) *FÉNÉLON, Télémaque*, Livre II.

449. *Quem*, equivalente exacto de *homem que, mulher que, pessoa que, homens que, mulheres que, pessoas que*, por isso que encerra em si o seu antecedente, não pôde ter antes ou depois de si nome a que se refira, ex.: « *Conheço quem escreveu o artigo—Vi quem quiz offender-me* ».

Todavia, sendo *quem* governado por uma preposição, pôde referir-se a um antecedente que é sempre nome de pessoa, ex.: « *O homem a quem demos o livro—As mulheres de quem comprámos fructas* ».

450. *Cujo, cuja, cujos, cujas* equivalem perfeitamente a *de que, de quem, do qual, da qual, dos quaes, das quaes*, e, por consequencia, só devem ser empregados quando podem ser substituídos por esses equivalentes, ex.: « *O menino cujo mestre sabe ensinar—As meninas cuja mestra é indolente* ».

O pronome *cujo*, tomado em todas as suas flexões do genitivo latino *cujus*, conserva a força plena do caso originario, e só pôde ser empregado em phrases restrictivas. O uso de *cujo* como predicado e sem ter antecedente claro, si bem que classico e correcto, é arkhaico, ex.: « *Cujo é o gado?—Cujas são estas arvores?* ». O uso actual de *cujo* é fazel-o servir de sujeito, de objectivo de verbo ou de regimen de preposição, dando-lhe antecente claro, e fazendo-o seguir immediatamente do nome com que concorda (Vide 417).

§ 7.º

Pronomes indefinidos

451. *Alguem* é equivalente exacto de *alguma pessoa*.

452. *Ninguém* é equivalente exacto de *nenhuma pessoa*.

453. *Outrem* é equivalente exacto de *outra pessoa*, e só se emprega como regimen de preposição.

V

VERBO

§ 1.º

Sujeito

454. Toda a palavra que serve de sujeito a um verbo põe-se em relação subjectiva.

Como em Portuguez não se declinam os substantivos, a applicação desta regra só se torna patente quando o sujeito é um pronome substantivo, ex.: « *Eu vejo as arvores—Tu queres pão* ».

Ha a notar as seguintes excepções:

- 1) O pronome substantivo sujeito de um verbo no infinito dependente de um verbo no finito (1) põe-se em relação objectiva, ex.: « *Eu vi-o caminhar ás pressas—Deixa-o ir* ».

Esta syntaxe, commum a varias linguas romanicas, é tomada directamente do Latim, em o qual o sujeito do verbo no infinito vai para accusativo. É erro vulgar no Brazil usar-se em casos taes da relação subjectiva; diz-se, por exemplo, « *Vi ELLE caminhar ás pressas—Deixa ELLE ir* ».

- 2) Quando o infinito de um verbo transitivo que governa um objecto ou uma phrase equivalente a um objecto, se constróe com os verbos *deixar, fazer, ouvir, ver*, o sujeito desse infinito, si é um pronome substantivo, pôde-se pôr em relação adverbial, e tambem em relação objectiva adverbial, ex.: « *Deixa AO vento levar maguas—Fiz A muitos verter lagrymas—Ouvi-LHE dizer que não vinha—Veja-ME erguer este peso* ».

Todas estas sentenças contêm dous verbos com duas pessôas activas, das quaes uma, em sua qualidade de sujeito, *deixa, faz, ouve, vê*; e outra opera em relação á vontade ou á sensação da primeira. Si por parte da segunda pessôa não ha acção usa-se de qualquer outro torneio de phrase (2).

455. Os pronomes substantivos em relação adverbial nunca podem servir de sujeitos, nem mesmo nas phrases infinitivas que vêm depois de uma preposição. Em taes casos usa-se da relação subjectiva, ex.: « *Esta laranja é para EU comer* ». No Brazil pecca-se contra este preceito dizendo-se « *Para MIM comer, etc.* ».

456. O sujeito, mórmente quando pronome substantivo, pôde e até deve ser omittido, sempre que de tal omissão não resultar escuridade do sentido.

457. Não se pôde em geral fazer omissão do sujeito, ainda mesmo sendo elle pronome substantivo,

- 1) nas clausulas oppostas, ex.: « *Eu RIO e tu CHORAS—Si tu FICAS eu PARTO* ».

(1) Chamam-se *finitos* os quatro modos, indicativo, imperativo, condicional e subjunctivo.

(2) Diez, *Obra citada*, vol. III, pag. 122—123.

2) nas sentenças emphaticas e nas intimativas, ex.: « *EU SEI que Pedro tem dinheiro—Nós te ORDENAMOS que vas* ».

458. Os pronomes adjectivos indefinidos *mais, menos, quanto, tanto*, nunca estão em relação subjectiva e, consequentemente, nunca podem servir de sujeitos.

§ 2.º

Predicado

459. A palavra que serve de predicado ao sujeito de um verbo, si é pronome substantivo, assume a relação flexional desse sujeito, isto é, toma a flexão da relação subjectiva, ex.: « *Eu não sou tu—Si tu fosses elle* ».

460. O predicado, quando é representado por um pronome substantivo da terceira pessoa, referente a um ou mais substantivos mencionados na sentença ou na clausula anterior, assume a flexão da relação objectiva, ex.: « *É's tu o rei? Eu o sou—Estarás tu cansado? Não o estou* ».

Sobre a concordancia destes pronomes substantivos da terceira pessoa em relação predicativa, é digna de lêr-se a seguinte elucidação de Brachet (1), elucidação que, substituído *illud* por *hoc*, pôde-se applicar sem restricções ao Portuguez:

« *O*, quando não designa pessoas, mas sim cousas, como nesta « phrase: « *A Polonia perecerá, eu o prevejo* », significa *isso*, vem « do Latim *illud* e nos representa quasi o unico resto do genero « neutro que possuímos ainda em Francez. Eis o que nos explica « porque ás perguntas « *Sois vós a mãe deste menino?* » ou « *Sois vós a doente?* » torna-se necessario responder « *Eu a sou* », isto é, « *Eu sou a pessoa de que fallais* »; ao passo que ás perguntas « *Sois vós mãe?—Estais vos doente?* » a resposta deve ser « *Eu o sou—Eu o estou, ILLUD* », isto é, « *eu sou ISSO; é assim que eu estou; é o que me tendes perguntado; possuo a qualidade de mãe; estou em estado de doença* ».

461. O predicado quando é representado por um substantivo que não tem flexão de genero, ou que é usado em um unico numero prescinde da concordancia com o sujeito, ex.: « *Nós somos a directoria da sociedade—Albuquerque, tu foste as algemas da Asia* ».

(1) *Obra citada*, pag. 93.

§ 3.º

Objecto

462. Toda a palavra que serve de objecto a um verbo põe-se em relação objectiva.

Como em Portuguez não se declinam os substantivos, a applicação desta regra só se torna patente quando o objecto é representado por um pronome substantivo, ex.: « *Eu o vejo—Queres-me muito* ».

Pôr em relação subjectiva o pronome substantivo que serve de objecto a um verbo é erro comezinho no Brazil, até mesmo entre os doutos: ouvem-se a cada passo as locuções incorrectas « *Eu vi elle—Espere eu* ».

463. Para evitar ambiguidade de sentido põe-se em relação adverbial o objecto de um verbo, quando esse objecto representa pessoa ou ser vivo em geral, ex.: « *Cesar venceu a Pompeu—A mulher ama ao marido—O caçador matou ao leão* »

Esta regra, quasi de rigor na lingua hespanhola, não o é tanto em Portuguez: Camões escreveu « *Quando Augusto o capitão venceu—Gente que segue o torpe Mafamede* ».

464. Alguns verbos como *achar, considerar, crer, deixar, dizer, eleger, escolher, fazer, julgar, nomear, saber, tornar, trazer, chamar*, admittem, além do objecto, um attributo delle em relação objectiva, o qual pôde ser substantivo ou adjectivo, ex.: « *Achei-o Presidente—Elegeram-me juiz—Julgo-o rico—Tornaram-no louco* ».

465. Com os verbos *conhecer* e *ter* esse attributo do objecto pôde ser posto em relação adverbial por meio da preposição *por*, ex.: « *Eu conheço-o por Pedro—Tenho-o por filho* ».

466. O attributo do objecto dos verbos acima mencionados (464—465) presta-se tambem a ser construido com *como*, ex.: « *Achei-o como Presidente—Conheço-o como Pedro—Tenho-o como filho* ».

Estas tres ultimas construcções (464—465—466) tambem têm lugar, estando o verbo na voz passiva, ex.: « *Fui eleito juiz—Elle é conhecido por Pedro—Sou tido como filho* ».

Todavia a construcção de verbos como *conhecer* e *ter* (465) em voz passiva com a preposição *por* dá lugar a uma ambiguidade de sentido que seria conveniente evitar.

§ 4.º

Significação transitiva e significação intransitiva

467. Os verbos transitivos, si são tomados em sentido geral, dispensam o objecto, e tornam-se intransitivos, ex.: « *Este critico louva muito—Antonio come pouco—Pedro não estuda* ».

468. Muitos verbos transitivos assumem significação intransitiva, e a palavra que representa o objecto põe-se então em relação adverbial por meio de uma preposição. Taes são entre muitos outros verbos *consentir, crer, dominar, emular, encontrar, esperar, gosar, guerrear, habitar, equalar*. Diz-se igualmente « *Consinto isso ou nisso—Creio o que dizes ou no que dizes—Pedro emula-me ou emula comigo—Habitar a terra ou na terra* ».

469. Muitos verbos intransitivos assumem significação transitiva, isto é, a actividade de muitos verbos, restringida originariamente ao sujeito, pôde ser dirigida para um objecto externo. Pertencem principalmente a esta classe os verbos que têm sua causa nesse objecto externo, taes como *escarnecer, gritar, anhelar, trabalhar, chorar*, e até o verbo *calar* que é de todo destituído de actividade. Tambem filiam-se nesta classe os verbos que significam locomoção como *andar, subir, correr, dansar, saltar, passear, navegar*. Na construcção destes ultimos o logar em que se produz a actividade toma ares de ser o objecto della. Diz-se por exemplo « *Escarnecer o amor—Gritar o cão—Anhelar o enlace—Chorar amigos mortos—Calar motivos—Andar terras extranhas—Subir morros—Correr valles—Saltar fossos—Passear cidades—Navegar mares* ».

470. Muitos verbos intransitivos assumem significação transitiva, quando têm sentido ficticio, isto é, quando o sujeito suscita no objecto a actividade expressa pelo verbo, sendo que essa actividade pertence ao objecto, limitando-se o sujeito a provocar apenas a manifestação della. Taes verbos são, entre outros muitos, *cessar, correr, crescer, demorar, descer, desesperar, entrar, levantar, montar, parar, passar, resurgir, resuscitar, subir, tocar, tombar, chegar*, ex.: « *Cessamos o fogo—As ruas corriam sangue—Cresci-lhe o ordenado—Entramos estacas na terra—O general montou toda a infantaria* ». A construcção ordinaria destes exemplos seria « *Fizemos cessar o fogo—Fiz-lhe crescer o ordenado, etc.* ».

471. O particípio aoristo do verbo *morrer* pôde ser empregado com significação transitiva, ex.: « *O leão tem morto muitos carneiros* ».

472. Muitos verbos intransitivos para animar ou reforçar a expressão se fazem acompanhar de um substantivo do mesmo radical em relação objectiva: esse substantivo pleonastico apparece raras vezes só na sentença; de ordinario é acompanhado de um attributo que lhe determina a significação. Taes são entre muitos outros, *brincar, caminhar, cavalgar, contar, ferir, morrer, sonhar, suar, vestir, viver*. Diz-se « *Brincar maus brinquedos—Caminhar longo caminho—Cavalgar bons cavallo—Contar contos incriveis—Ferir largas feridas—Morrer morte affrontosa, etc.* ».

Ha exemplos deste uso com substantivos não identicos, mas apenas analogos em significação, ex.: « *Dormir somnos—Ferir golpes—Ir caminho—Temer medos—Chorar lagrymas* ».

473. Os verbos intransitivos *dormir* e *viver* assumem significação transitiva, tomando por objecto o substantivo que representa o tempo durante o qual se dormiu, viveu, ex.: « *Dormi duas horas—Viverei muitos annos* ».

Alguns grammaticos querem que haja nestas sentenças ellipses de *por*: « *Dormi POR duas horas—Viverei POR muitos annos* ».

474. O verbo intransitivo *passar* presta-se a identico uso, e toma por objecto substantivos de tempo, de logar e mesmo de circumstancias, ex.: « *Passamos dias felizes—Passamos a ponte—Passámos frios—Passámos fomes* ».

475. Os verbos intransitivos *custar, valer*, quando seguidos de substantivos que representam o custo, o valor, assumem significação transitiva, tomando por objectos esses mesmos substantivos de custo, de valor, modificados ou não por adjunctos attributivos, ex.: « *Esta espingarda custou 30 libras—Este livro vale vinte mil réis—Esta posição custou trabalho—Essa lieção vale ouro* ».

§ 5.º

Voz activa e voz passiva

476. Os verbos intransitivos não se empregam na voz passiva. Todavia, os verbos intransitivos, tornados transitivos em

virtude das regras do paragrapho antecedente, são susceptíveis de construcções em voz passiva, ex.: « *As noutes mal dormidas—Os golpes feridos—A ponte passada* ».

477. Quando o verbo transitivo ou intransitivo, tomado transitivamente, está na voz passiva o agente é representado por um substantivo posto em relação adverbial por meio da preposição *por*, ex.: « *O veado foi dilacerado pelo leão—As lagrymas choradas por Antonio* ».

Com alguns verbos emprega-se *de* em logar de *por*, ex.: « *Acompanhado de muitos amigos—Tomado de medo* ».

O caso agente do verbo passivo era representado em Latim por ablativo regido de *a* ou *ab*, por accusativo regido de *per*, e por dativo: destas tres construcções só passou para o Portuguez a do accusativo regido de *per*, preposição que se conservou inalterada até o seculo XVI, e que dahi em diante foi-se pouco a pouco convertendo em *por*, unica actualmente em uso (1) (Vide 555—556).

478. O Portuguez não tem forma especial para a voz passiva: suppre-se esta falta com tempos do verbo *ser* e participios aoristos, da maneira indicada na tabella n. 9.

479. Nas phrases de sentido geral, quando não é necessario pôr claro o agente, apassivam-se verbos nas terceiras pessoas do singular e do plural por meio do pronome *se*, considerado então COMO MERA PARTICULA APASSIVADORA, ex.: « *Queima-se o campo—Concertam-se relogios* ».

Grande debate tem suscitado esta particula *se* entre os grammaticos portuguezes: a ultima palavra sobre a questão foi dita pelo eminente linguista, sr. Aldolpho Coelho (2), que, estribado nas doudas investigações dos mestres allemães, elucidou-a cabalmente, filiando este processo portuguez de conjugação no puro processo latino.

Cumprê todavia notar que por meio de *se* só se apassivam verbos cuja acção não possa neste caso ser exercida pelo sujeito. E a razão é que, podendo o sujeito exercer a acção, dar-se-ia ambiguidade de sentido: com effeito « *O homem feriu-se* » não é o mesmo que « *O homem foi ferido* », porque o homem poderia

(1) *Per*, a não ser como prefixo, só se conserva na locução adverbial « *de per si* ».

(2) *Theoria da conjugação em Latim e Portuguez*, pag. 48—56.

ter-se ferido a si proprio. Em « *Concertam-se relógios* » não se dá ambiguidade; tal phrase equivale exactamente a « *Relógios são concertados* », porquanto relógios não podem concertar-se a si propios.

480. O infinito dos verbos transitivos póde em certos casos exprimir um sentido absolutamente passivo, de modo que a palavra que representa o agente desse infinito póde ser posta em relação adverbial por meio da preposição *por*. Isto tem lugar:

- 1) com o infinito simples depois dos verbos *deixar, fazer, ouvir, ver*, ex.: « *Deixei comer o toucinho pelo gato—Fizemol-os carregar pela cavallaria—Ouvi-o louvar por todos—Vi-o derrubar por Pedro* ».
- 2) com o infinito acompanhado de preposição
 - a) depois dos verbos *estar, ser, levar, trazer*, ex.: « *A carta está por escrever—E' para admirar que elle não queira ir—Leva pão para comer—Traz aqua para beber* ».
 - b) quando depende de adjectivos descriptivos que indicam aptidão em maior ou em menor grau, taes como *agradavel, bello, bom, digno, difficil, duro, facil, mau, ruim*, etc., ex.: « *Cousa agradavel de ver—Peixe bom para comer—Osso duro de roer—Massa facil de corromper* ».

§ 6.º

Modos

1

Indicativo e Subjunctivo

481. O indicativo mostra que é *real* a relação entre duas idéias: o subjunctivo apresenta essa relação como *hypothetica*. Assim, o verbo da clausula subordinada se põe no indicativo quando o verbo da clausula principal (370) exprime alguma causa de positivo, de affirmativo; e põe-se no subjunctivo quando o verbo

da clausula principal exprime alguma cousa de indeciso, de duvidoso.

Deste principio decorrem as seguintes regras :

1.^a

- 1) o verbo da clausula subordinada põe-se no indicativo quando o verbo da clausula principal exprime modo de pensar, crença, apparencia, affirmação, etc., ex. : « *PENSO que vós sereis nomeados hoje—CREIO que tres e dous são cinco—PARECE que ella vive bem—ASSEGURO-te que perdere-mos dinheiro* ».
- 2) o verbo da clausula subordinada põe-se no subjunctivo quando o verbo da clausula principal exprime surpresa, admiração, vontade, desejo, consentimento, prohibição, negação, duvida, receio, apprehensão, ordem, etc., ex. : « *ADMIRAME-me que estejas rico—QUERO que vas—PROHIBO-te que elle falle—NEGO que ella seja pobre* ».

2.^a

O verbo da clausula subordinada põe-se no subjunctivo quando o verbo da clausula principal é verbo impessoal ou impessoalmente tomado, ex. : « *CONVEM que estejas aqui hoje—IMPORTA que não falteis hoje á lição—E' IMPOSSIVEL que vejas agora a lua—BASTA que endosse elle a letra* ».

Exceptuam-se *acontecer, resultar, seguir-se* e os verbos em cuja composição entra palavra que exprime idéia positiva como *é evidente, é certo, é verdade*, e o verbo *ser* tomado impessoalmente, ex. : « *ACONTECE que o rei TEM de passar aqui hoje—E' VERDADE que lhes NEGAMOS socorros—E' que elles não QUEREM* ».

3.^a

Quando a clausula subordinada está ligada á clausula principal por um dos pronomes conjunctivos *que, qual, cujo*, tem-se de examinar si a clausula subordinada exprime

coisa positiva ou coisa incerta: no primeiro caso usa-se do indicativo; no segundo do subjunctivo, ex.:

Quero a casa que me AGRA- *Quero casa que me* AGRA-
DA. DE.

Hei de ir para um retiro *Hei de ir para um retiro*
onde HEI DE ESTAR SOCEGADO. onde ESTEJA SOCEGADO.

Vou dizer-te cousas que te *Vou dizer-te cousas que te*
HÃO DE DIVERTIR. DIVIRTAM.

Mostra-me o caminho que *Mostra-me um caminho que*
VAI dar no rio. VÁ dar no rio.

Enviaram deputados que *Enviaram deputados que*
EXPRIMIRAM a vontade do EXPRIMISSEM a vontade do
povo. povo.

Vou plantar alli arvores *Vou plantar alli arvores*
cuja sombra É espessa. cuja sombra SEJA espessa.

Põe-se no indicativo o verbo da clausula subordinada que começa pelo pronome conjunctivo *que*

- 1) quando *que* tem por antecedente um substantivo modificado por um superlativo relativo, ex.: « *A doutrina da evolução é o maior presente que a sciencia TEM FEITO á humanidade* ».
- 2) quando *que* tem por antecedente um substantivo acompanhado ou representado pelos adjectivos ordinaes *primeiro*, *segundo*, *ultimo*, etc., ex.: « *Este leão é o primeiro que MATO—Esta pedra estriada é a segunda que VEJO—E' esta a ultima arvore que PLANTO* ».
- 3) quando o verbo da clausula subordinada não pôde ser substituído por construcção do infinito sem que o sentido fique alterado, ex.: « *Vi o pintor que FEZ estes frescos—Conheço o advogado que LAVROU este protesto* ».

Põe-se no subjunctivo o verbo da clausula subordinada que começa pelo pronome conjunctivo *que* quando o verbo da clausula subordinada pôde, com leve troca de palavras, ser substituído por construcção do infinito sem que o sentido fique alterado, ex.: « *Tive gente que FOSSE por mim—Acharei artista que me DÊ conta deste trabalho* ».

Quem, sendo, como é, equivalente de *homem que*, etc., (449) subordina-se ás disposições desta regra 3.^a, ex.: « *Vi quem FEZ estes frescos—Conheço quem LAVROU o protesto—Tive quem FOSSE por mim—Acharci quem me DÊ conta desse trabalho* ».

4.^a

Depois da conjuncção *si* põe-se no indicativo o verbo da clausula subordinada

- 1) quando a clausula subordinada exprime uma cousa positiva, actual, ex.: « *Eu, SI VOU ao theatro, é porque gosto de representações dramaticas—Eu sei SI SOU pobre ou não* ».
- 2) quando a clausula subordinada exprime uma cousa futura, cuja realisação tem de ser determinada por motivo extranho á vontade da pessoa que falla, ex.: « *Não sei SI PODEREMOS ir hoje ao theatro—Só em vista da fazenda é que decidiremos SI FICAMOS com ella ou não* ».

Depois da conjuncção *si* põe-se no subjunctivo o verbo da clausula subordinada

- 1) quando é condicional a sentença, ex.: « *SI Pedro FOSSE eu iria—SI João FÔR eu não irei* ».

Por uso da lingua as sentenças condicionaes do futuro têm ás vezes no presente do indicativo os verbos tanto da clausula principal como da subordinada ex.: « *Si João VAI eu não VOU* ».

- 2) quando a clausula subordinada exprime uma cousa duvidosa, futura, cuja realisação tem de ser determinada pela vontade da pessoa que falla, ex.: « *Não sei SI VÁ hoje ao theatro—Estou em duvida SI ENDOSSE ou não esta letra* ».

5.^a

Depois das conjuncções *embora* e *quer* põe-se no subjunctivo o verbo da clausula subordinada, ex.: « *EMBORA SEJA pobre, Pedro ha de obter o que deseja—QUER Paula VENHA, quer não, Sancho irá* ».

6.^a

Depois das conjuncções *porque*, como põe-se o verbo da clausula subordinada já no indicativo, já no subjunctivo, ex.: « *Não sei PORQUE ARRISCA (OU ARRISQUE) elle tamanhos capitaes—Eu COMO ENTENDI (OU COMO ENTENDESSE) o que elles estavam dizendo . . .* »

7.^a

Depois das locuções conjunctivas *ainda que*, *antes que*, *caso*, *comquanto*, *comtanto que*, *para que*, *por mais . . . que*, *sem que*, *si bem que*, etc., põe-se no subjunctivo o verbo da clausula subordinada, ex.: « *AINDA QUE eu seja rico não farei despezas loucas—ANTES QUE cases olha o que fazes* ».

8.^a

Nas sentenças de sentido concessivo, desiderativo, imprecativo e comminativo, põe-se no subjunctivo o verbo da clausula principal, ex.: « *DIAGNOSTIQUE quem puder, CURE quem quizer—DÊ-me Deus vida e saude—PARTA-me um raio—DIGA-me elle isso (1)* ».

A generalidade dos grammaticos, não admittindo clausula principal sem verbo no indicativo, explicam estas construcções por meio de ellipses (2). E' uma doutrina metaphysica que a sciencia já não acceita hoje: as theorias deduzem-se dos factos, e não os factos das theorias.

(1) Não é pretensão do auctor que estas regras abranjam todos os casos possiveis do uso do subjunctivo. Este uso nas linguas aryanas, mórmente nas indicas, hellenicas e italicas, é um verdadeiro Proteu: quando o grammatico julga tel-o sob si vencido, atado, captivo, eil-o que se escapa fremmente, livre, indomavel. O uso do subjunctivo é uma cousa instinctiva, como que o producto de uma facultade criada no individuo pelo meio linguistico que o rodeia desde a infancia. Entre nós ouvem-se a escravos e a caipiras analphabetos formulas complicadas e correctissimas do subjunctivo portuguez, ao passo que estrangeiros litteratos, versados em grammatica e philologia, após longos annos de residencia no paiz, naufragam quasi sempre quando as têm de empregar.

(2) GIRAULT DUVIVIER, *Obra citada*, pag. 689—690.

2

Imperativo

482. O imperativo só tem duas fórmãs em Portuguez: uma para a segunda pessoa do singular; outra para a segunda do plural.

A não ser em estylo solemne ou em estylo familiar dá-se em Portuguez ás segundas pessoas o tratamento de terceiras.

Não tendo o imperativo fórmãs para as terceiras pessoas, suppre-se a deficiência com as terceiras pessoas do presente do subjunctivo, ex.: « *Vá, meu amigo—Fiquem, senhores* ».

483. Nas sentenças de negação, em vez do imperativo usa-se do subjunctivo, ex.: « *Não faças a outrem o que não quizeras que te fizessem a tí* ».

Contra esta regra peccou o douto lexicographo Portuguez, F. S. Constancio, que, na « *Introdução Grammatical* » do seu *Diccionario* (1), escreveu « *Não faze a outrem, etc.* ».

Em Hespanhol é identica a construcção: « *No firmes carta que no leas, ni bebas agua que no veas* ». Em Italiano substitue-se o imperativo pelo infinito presente: « *Non ti scordar di me* ». Em Francez emprega-se só o imperativo: « *Ne faites pas des folies* ». Em Latim usa-se quasi indifferentemente do imperativo ou do subjunctivo presente: « *Ne concupisce* ou *ne concupiscas* ».

3

Condicional

484. O condicional representa a relação entre duas idéias como dependente de uma condição. Seu emprego não offerece difficuldades.

§ 7.º

Fórmãs nominaes do verbo

1

Infinito

485. O infinito portuguez tem a particularidade de poder flexionar-se, e divide-se, conseguintemente, em *infinito pessoal* e *infinito impessoal*.

(1) Pag. XXI,

Esta particularidade da flexão do infinito, notada já nos mais antigos documentos da lingua portugueza, encontra-se tambem no dialecto gallego, ex.: « *Para sairem e entrarem* » (1). Nenhuma outra lingua a possui. Gil Vicente commetteu o erro de escrever em Hespanhol « *Teneis gran razon de LIORARDES vuestro mal* » (2). Alguns poetas do *Cancioneiro Geral* (3) cahiram no mesmo engano. Camões que muito escreveu em Hespanhol foi sempre correcto.

486. Emprega-se o infinito pessoal

- 1) quando a clausula do infinito pôde eximir-se da dependencia em que está para com o verbo principal, isto é, quando pôde ser substituida por outra do indicativo ou do subjunctivo.
- 2) depois de verbos no imperativo, ex.: « *Dize-lhes terem chegado hoje os navios* (4) ».
- 3) por vezes arbitrariamente nos escriptos antigos, ex.: « *De morrermos desejando* (5)—*Nam curees de mays chorardes* (6) ». E tambem o contrario « *Não curees de te queixar* (7) ».

Para que se ponha o verbo no infinito pessoal ou no impessoal é indifferente que elle tenha ou não sujeito proprio. Exemplos em que o sujeito do infinito pertence só a elle :

- 1) *E' tempo de partires* (isto é, *de que partas*).
- 2) *Deus te desembarace o juizo para te emendares* (isto é, *para que te emendes*).
- 3) *Basta sermos dominantes* (isto é, *que sejamos*).
- 4) *Não me espanto de fallariles tão ousadamente* (isto é, *de que falleis*).
- 5) *Viu nascerem duas fontes* (isto é, *que nasciam*).

Exemplos em que o sujeito do infinito tambem o é do verbo de que elle depende

- 1) *Não tens vergonha de ganhares a tua vida tão torpemente* (isto é, *de que ganhes*).
- 2) *Todos estão alegres por terem paz* (isto é, *porque têm*).

(1) *Espanña Sagrada*, XLI, 351, carta de 1207.

(2) GIL VICENTE, II, 71.

(3) GESSNER, *Das Altleonensische*, pag. 26.

(4) Esta construcção não é usual: seria preferivel dizer « *Dize-lhes que chegaram hoje os navios* ».

(5) *Cancioneiro Geral*, I, 293.

(6) *Ibidem*, I, 289.

(7) BERNARDIM RIBEIRO, *Obras*, Lisboa, 1852, pag. 309.